

## Radio, TV, internet.

### Impressões sobre as Teorias do Radio de Brecht

César Bolaño

Em 1975, Fernando Peixoto publicou, nas páginas do histórico jornal Movimento, um interessante artigo intitulado *A televisão segundo Brecht*, demonstrando a atualidade das *Teorias do Radio* para a análise da televisão. Na mesma época, Hans Magnus Enzensberger usava os textos citados do dramaturgo alemão no seu conhecido panfleto propondo uma teoria materialista-histórica dos meios de comunicação. Quase três décadas depois, 75 anos após a publicação do primeiro dos textos de Brecht, aquelas teorias permanecem impressionantemente mais adequadas e lúcidas do que a maioria das elucubrações teóricas dos arautos dos novos meios.

Este texto tem por objetivo fornecer uma pequena introdução à publicação daquelas esquecidas teorias pela revista Eptic On Line. Assim sendo, não vou discorrer sobre os aspectos específicos da utilidade atual das suas palavras – nas *Sugestões aos Diretores Artísticos do Radio*, por exemplo – para a compreensão de fenômenos como a TV ou a internet e o conjunto das tecnologias da informação e da comunicação. Deixo ao leitor que desfrute do texto e faça suas próprias descobertas. Tampouco vou tratar das relações entre comunicação, educação e Estado, ou do caráter didático do radio, apontado em diferentes momentos e, de forma exemplar, nos *Comentários a Vôo Trans-atlântico*, coerente com a perspectiva do teatro épico, político e participativo que o autor defendia e praticava.

O rádio é visto por Brecht como um meio político e educativo, com um enorme potencial democrático e interativo, mas limitado às condições objetivas de sua existência numa sociedade que não admite a efetivação com todas as suas conseqüências desse potencial. Uma velha história em que se apresenta a presumida superioridade da cultura ocidental pela existência de maravilhas como as estradas de ferro, os automóveis ou o telefone, ao que um chinês responde “*sinto ter que dizer que isso nós já voltamos a esquecer*”, é lembrada por Brecht, no primeiro texto, para falar, em seguida, sobre a impressão de que o radio seria algo “*incalculavelmente velho*”, ante-diluviano.

Se assim for, o mesmo pode ser dito, e com maior razão, sobre a internet, por

exemplo, cujos aspectos corriqueiramente apresentados como revolucionários já estavam presentes no próprio rádio, tal como o imaginou o jovem Brecht, ao defender, por exemplo, “*uma espécie de rebelião do ouvinte, sua ativação e sua reabilitação como produtor*”. Não é essa, afinal, a grande promessa dos sistemas GNU/Linux hoje? Ou quando aponta a necessidade de transformar o rádio, de aparato de distribuição em aparato de comunicação, afirmando que a radiodifusão deve tornar possível o intercâmbio, ou que é preciso “*evitar o poder de desconexão mediante a organização dos desconectados*”, ou ainda que “*o público não tem apenas que ser instruído, mas tem que instruir também*” etc. Afirmações que lembram debates muito posteriores sobre a inclusão digital ou sobre a contradição entre serviço público e negócio nos meios de comunicação.

A este respeito, afirma o autor não estar interessado, em *Radiodifusão como meio de Comunicação*, em resolver questões estéticas pontuais, mesmo sabendo que era isso o que esperavam dele os seus ouvintes, radiodifusores interessados em “*vender arte através do seu aparelho. Mas, para estar à venda, a arte tem que ser hoje comprável. E eu preferiria não vender-lhes nada, mas apenas fazer-lhes a proposta de fazer em princípio da radiodifusão um aparato de comunicação da vida pública*”, não sem antes afirmar: “*se consideram isto utópico, rogo-lhes que reflitam sobre porque é utópico*”.

Mas a perspectiva do próprio Brecht está longe de ser utópica. Já no primeiro dos textos que formam as chamadas *Teorias do Rádio*, o autor aponta que “*el hecho es que siempre nos dejamos dar en las narices por las posibilidades*”. Passados três quartos dos cem anos de que falava, o pensamento burguês continua enaltecendo as imensas possibilidades, não do rádio, mas da internet, agora, como da TV, no momento em que Fernando Peixoto escreveu o artigo citado acima. Ainda hoje, parafraseando Brecht, “*aqueles que valorizam a TV digital, fazem-no porque vêm nela uma coisa para a qual pode-se inventar ‘algo’*”. Os últimos parágrafos desse primeiro texto são particularmente esclarecedores sobre a posição do produtor cultural e da audiência nas condições sociais e econômicas então, e até hoje, vigentes.

Em oposição aos delírios futuristas pequeno-burgueses que seguem povoando nossa imprensa e inclusive, e principalmente, a maior parte da literatura especializada, Brecht faz a crítica do presente, apontando as possibilidades que a tecnologia traz mas não pode realizar por si nas condições sociais em que ela surge. “*Mas não é em absoluto nossa missão renovar*

*as instituições ideológicas, sobre a base da ordem social estabelecida, mediante inovações, senão que, com nossas inovações, temos que impulsiona-las a sua missão básica ... Impraticáveis nesta ordem social, praticáveis em outra, as sugestões, que apesar de tudo só representam uma consequência natural do desenvolvimento técnico, servem à propagação e formação dessa outra ordem”.*

É com esse espírito que convido os leitores a apreciarem os textos de Brecht, procurando pensar, com ele, os desafios do presente.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Brecht, Bertold. *Teorías de la Radio*. Ed. Península, Barcelona, 1973.

Enzensberger, Hans Magnus. *Elementos para una Teoría de los Medios de Comunicación*. Anagrama, Barcelona, 1974.

Peixoto, Fernando. *A Televisão segundo Brecht*. *Jornal Movimento*, São Paulo, 20/10/75, p. 22.